

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8  
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM  
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:  
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).

  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

 CITCEM  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

 Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

 PORTO  
FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio

 museu  
MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL



# Índice

- 15 Prefácio  
José Morais Arnaud

## 1. Historiografia e Teoria

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)  
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?  
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004  
Vitor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas  
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino  
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal  
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes  
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*  
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves  
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

## 2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia  
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas  
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização  
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Ruprestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde  
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal)  
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalhido
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo  
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis  
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos  
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica  
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche  
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo  
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial  
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem  
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional  
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

### **3. Didáctica da Arqueologia**

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente  
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!  
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico  
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável  
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia  
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades  
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente  
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)  
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia  
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)  
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático  
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também. . . O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia  
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia  
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia  
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu  
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

#### **4. Arte Rupestre**

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal  
Mila Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso  
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa  
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa  
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)  
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009  
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal  
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo  
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar  
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar  
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

## 5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos  
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional  
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira  
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG  
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa  
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica  
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I  
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo  
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira  
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo  
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)  
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)  
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)  
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.  
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)  
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho  
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio  
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarida Fernandes
- 913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território  
João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018  
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967  
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem  
Rafael Lima
- 971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos  
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

## 6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão  
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado  
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 O *Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média  
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis  
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)  
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste  
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final  
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde  
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto  
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga  
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual  
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação  
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado  
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro  
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional  
Francisco B. Gomes

## 7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização  
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?  
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas  
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves  
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro  
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica  
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação  
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização  
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico  
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)  
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização  
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego  
Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa  
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa):  
o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado  
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro,  
Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar  
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir  
de um estudo de caso  
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termais de *Mirobriga*  
(Santiago do Cacém)  
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária  
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte  
de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval  
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)  
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016  
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole  
Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)  
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /  
Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia  
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus  
(Vila Nova de Gaia)  
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na  
Antiguidade Tardia  
Virgílio Lopes

## 8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas  
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio /  
Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes /  
Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média  
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII  
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica  
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica  
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas  
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão  
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD  
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)  
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela  
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense  
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal  
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média  
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém  
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)  
Florbela Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa  
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade  
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

## **9. Época Moderna e Contemporânea**

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas  
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa  
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa  
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos  
(Lisboa)  
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos  
provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa  
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínítico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)  
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)  
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana  
de Lisboa (anéis, braceletes e contas)  
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia  
de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa  
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho  
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI  
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças  
do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal  
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção  
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos  
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha  
do Alferes, Seixal (século XVI)  
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa  
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures  
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa  
de Época Moderna  
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos  
humanos recuperados  
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica  
na Rua da Vitória nº 15 a 17  
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna  
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT  
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia  
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel  
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário  
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário  
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo  
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA  
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial  
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras  
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico  
Xurxo Ayán Vila / José M<sup>a</sup>. Señorán Martín

# INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NA RUA MARQUÊS DE POMBAL / LARGO DO ESPÍRITO SANTO (BUCELAS, LOURES)

Florbela Estêvão<sup>1</sup>, Nathalie Antunes-Ferreira<sup>2</sup>, Dário Ramos Neves<sup>3</sup>, Inês Lisboa<sup>4</sup>

## RESUMO

Em maio de 2018, a necessidade de repor um antigo muro de suporte de terras localizado na Rua Marquês de Pombal / Largo do Espírito Santo, em Bucelas, no concelho de Loures, expôs um contexto cemiterial que motivou uma intervenção arqueológica de emergência, a qual decorreu até dezembro de 2019, circunscrita à zona de afetação da obra.

Os trabalhos permitiram identificar uma necrópole que revelou 157 inumações primárias e secundárias, dois ossários (1 e 2) que continham, respetivamente, 101 e 262 indivíduos, além de reduções ósseas. Distribuiu-se por ampla cronologia (séculos XV a XIX). Sob ela, foram revelados vestígios de ocupação de época romana dos séculos I a II d. C., com estruturas murais simples, formando três compartimentos sub-quadrangulares.

**Palavras-Chave:** Bucelas, Necrópole, Medieval/Moderno, Romano, Arqueologia Pública.

## ABSTRACT

In May 2018, the need to replace an old wall, located at Rua Marquês de Pombal / Largo do Espírito Santo, in Bucelas, in the municipality of Loures, exposed the remains of an ancient cemetery that motivated an archaeological intervention, that run until December 2019.

The archaeological excavations allowed the identification of a necropolis context, composed by 157 primary and secondary inhumations, two ossuaries (1 and 2) containing, respectively, 101 and 262 individuals, and bone reductions, distributed by a wide chronology (15<sup>th</sup> to 19<sup>th</sup> centuries). Under the necropolis layers, it was identified the remains of a Roman occupation dating back to the 1st and the 2nd centuries AD, consisting of simple mural structures, belonging to three sub-quadrangular compartments.

**Keywords:** Bucelas, Necropolis, Medieval/Modern era, Roman, Public Archaeology.

---

1. Câmara Municipal de Loures, Divisão de Cultura, Unidade de Património e Museologia; Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (IHC/ FCHS/ UNL), Lisboa, Portugal; florbel\_estevao@cm-loures.pt.

2. Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz (CiiEM), Instituto Universitário Egas Moniz, Monte da Caparica, Portugal; Laboratório de Ciências Forenses e Psicológicas Egas Moniz (LCFPPEM), Egas Moniz Cooperativa de Ensino Superior, Monte da Caparica, Portugal; Laboratório de Antropologia Biológica e Osteologia Humana (LABOH), CRIA/FCSH, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal; naferreira@egasmoniz.edu.pt.

3. Empresa de arqueologia Cota. 8o. 86.; Instituto de Arqueologia e Paleociências da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (IAP/FCSH/UNL), Lisboa, Portugal; darioneves@cota8o86.pt.

4. Laboratório de Antropologia Egas Moniz, Instituto Universitário Egas Moniz, Monte da Caparica, Portugal; in\_lisboa@hotmail.com.

## 1. INTRODUÇÃO

A queda de um muro de suporte de terras, em abril de 2018, na rua Marquês de Pombal, em pleno núcleo antigo da vila de Bucelas, expôs uma antiga zona cemiterial, o que motivou uma intervenção arqueológica de emergência promovida pela Câmara Municipal de Loures. Os trabalhos arqueológicos decorreram entre 16 de maio de 2018 e 17 de dezembro de 2019<sup>5</sup>, e a zona intervencionada compreendeu toda a área de afetação da obra de construção do novo muro e da respetiva sapata fundacional, numa área de aproximadamente 28 metros de comprimento por 5 metros de largura. Nela foram implantadas quadrículas de 2m x 2m, sendo atribuída a cada unidade uma designação constituída pelos números 1 a 14, no sentido este-oeste, e pelas letras A a C, no sentido sul-norte.

De acordo com os resultados obtidos, a área arqueológica em questão corresponderá (pelo menos, maioritariamente) a uma parcela de um cemitério (necrópole cristã dos séculos XV a XIX) possivelmente associado à antiga capela do Espírito Santo que existiu na zona, e que foi demolida nos inícios do século XX. Abaixo deste nível arqueológico foram identificadas estruturas murais simples, formando três compartimentos sub-quadrangulares, datadas dos séculos I a II d. C., o que veio reforçar indícios anteriores da presença romana em Bucelas – como sejam uma pequena estatueta itifálica em bronze, inscrições funerárias no adro da igreja matriz local (dedicada a N.ª Sr.ª da Purificação) e o mausoléu da Romeira de Baixo, em Vila de Rei. Na verdade, tudo isso indicava uma potencial importância arqueológica do local, situado mesmo no centro da vila.

Ao longo dos vários meses de trabalhos arqueológicos, os poderes públicos, em estreita articulação com a equipa da escavação, procuraram assegurar um conjunto de ações variadas por forma a sensibi-

---

5. Agradecemos a todos aqueles que colaboraram na intervenção arqueológica enriquecendo a equipa, contribuindo para os resultados que aqui apresentamos: antropólogos e arqueólogos contratados; jovens estudantes universitários voluntários; estudantes universitários em contexto de formação resultante da colaboração entre o Município de Loures, a Cooperativa de Ensino Superior Egas Moniz e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Também o nosso reconhecimento vai para os especialistas que, no decurso do trabalho, nos visitaram e nos estimularam com as suas observações.

lizar a população local para a importância de uma intervenção tão demorada em espaço urbano, com as consequências inerentes. Além de sessões públicas, e de visitas comentadas ao local, dirigidas a vários tipos de públicos, múltiplas notícias na imprensa local e nacional alertaram para o interesse do sítio arqueológico. Seguindo a mesma estratégia, está patente no Museu do Vinho e da Vinha, em Bucelas, uma exposição alusiva à intervenção no sítio – *Largo do Espírito Santo. O Antigo Cemitério* – a qual contém a informação passível de ser partilhada à data da sua inauguração (outubro de 2019), quando os trabalhos ainda estavam em curso. Esse conjunto de iniciativas teve comprovado êxito, visível na mudança da atitude das pessoas de Bucelas, para quem a arqueologia não era ainda familiar, e que passaram a admirá-la e a respeitá-la como beneficiadora da sua terra e suas raízes ancestrais.

Este trabalho apresenta, de modo sucinto, os resultados obtidos ainda numa fase de elaboração do relatório final. Para o estudo da extensa coleção osteológica está a decorrer o projeto “Antropologia Funerária e Paleobiologia de um Grupo Populacional Rural de Bucelas (Loures) nos séculos XVI a XIX”, cofinanciado pelo programa ProMuseus, sob a direção de Nathalie Antunes-Ferreira. Importa também referir que a colaboração com a empresa de arqueologia Cota. 8o.86. – a qual levou a efeito uma parte dos trabalhos – inclui a atual fase de inventário dos materiais exumados, tarefa ainda em curso. Com o intuito de valorizar o sítio arqueológico, o Município de Loures demonstrou interesse em concretizar um projeto de musealização das estruturas romanas.

## 2. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO

O Município de Loures, como é sabido, está localizado a norte da cidade de Lisboa e incluído na região de Lisboa e Vale do Tejo, tendo sido criado por decreto de 26 de julho de 1886. Em 19 de novembro de 1997, a sua extensa área foi diminuída com a desanexação das freguesias de sudoeste, pela criação do Município de Odivelas. A freguesia de Bucelas inclui-se na zona norte do concelho, de feição predominantemente rural. O território da freguesia, atualmente com 33,99 km<sup>2</sup>, pertenceu durante muitos séculos ao Termo da cidade de Lisboa. Mundialmente conhecida pela sua produção vinícola, especialmente a de

vinho branco arinto, Bucelas incorpora a maior parte da área demarcada desta qualidade de vinho, área essa criada em 1911. Os terrenos argiloso-calcários, e as serranias intercaladas por vales profundos, possibilitam um microclima específico, caracterizado por um inverno bastante frio com alto teor de humidade, e um verão temperado, condições que conferem aos vinhos aqui produzidos qualidades únicas.

A vila de Bucelas desenvolveu-se junto à margem do rio Trancão, sendo atravessada por dois importantes eixos viários, as atuais EN 115 e EN 116, constituindo o Largo do Espírito Santo a centralidade do aglomerado, no qual assume um papel de destaque a referida igreja matriz, edificação que ocupa uma posição altaneira relativamente ao restante casario (e, claro, à área arqueológica intervencionada). Até aos inícios do século XX este largo incluía outros dois edifícios, a mencionada capela do Espírito Santo e um pequeno hospital ou albergaria de origem medieval associado à mesma capela e com a mesma designação. Convém relembrar que o rio Trancão foi durante muito tempo em grande parte navegável, existindo mesmo carreiras diárias fluviais entre Lisboa e o porto de Santo Antão do Tojal nos finais do século XVIII. Este mesmo curso de água, juntamente com os seus afluentes, alimentava várias azenhas, muitas delas dispostas ao longo da ribeira do Boição (arredores de Bucelas), e mencionadas em vários documentos, entre eles empraçamentos do século XVI ou as Memórias Paroquiais do século XVIII.

Sabemos que no início do século XX o Largo do Espírito Santo era murado, com um portal de acesso, demarcando parcialmente uma área em torno da capela e da matriz. Esse espaço, de elevada carga simbólica, destinava-se não só à celebração de festividades religiosas, mas também à sepultação dos fiéis. Como é do conhecimento geral esta prática de enterramentos, dentro e fora das igrejas, foi abolida no século XIX com a criação dos cemitérios públicos. Já no século XX, obras de reformulação do espaço urbano levaram à demolição do muro, bem como da capela do Espírito Santo que já então se encontrava abandonada e em mau estado. O largo, como espaço cemiterial, transmutou-se em local público ajardinado. Assistiu-se, pois, a uma importante alteração dessa zona central da vila. Se durante as épocas medieval e moderna o cemitério estava inserido num núcleo da malha urbana onde vivos e mortos “conviviam”, no século XIX a morte foi aqui, como em muitos outros lugares, afastada para a periferia.

Ora, a área arqueologicamente intervencionada encontrava-se num dos limites dessa zona conotada com os templos e seus adros, embora mais próxima do local da antiga capela do Espírito Santo (Figura 1). Mas, dadas as características do observado nas escavações, e o carácter relativamente limitado da área abarcada pelas mesmas, é difícil saber, com os nossos dados parcelares, quais os limites das áreas sepulcrais de ambos os templos, e se elas, em determinado momento, se terão parcial ou totalmente sobreposto.

Imagens de fotografias antigas permitem descrever o edifício demolido: apresentava uma galilé rasgada nos três lados por arcos de volta perfeita, uma nave e um corpo mais pequeno correspondente à capela-mor. Deste antigo edifício subsiste um interessantíssimo retábulo quatrocentista da Santíssima Trindade, dedicado à chamada “descida do Espírito Santo” (Fernandes, 2018, pp. 37-65), magnificamente policromado.

Este templo, logicamente, era administrado pela confraria do Espírito Santo. Ora, sabemos que tanto as confrarias como as irmandades do Espírito Santo desenvolveram uma ação assistencial importante, nomeadamente assegurando o funcionamento de pequenos hospitais ou albergarias destinadas a peregrinos, religiosos ou pessoas pobres. Assim, junto à capela funcionou um hospital, também designado como albergaria. Nos livros de registo de óbitos da paróquia de Bucelas, datados da segunda metade do século XVI, existem referências a vários indivíduos que faleceram no aludido hospital. No entanto, no século XVIII as Memórias Paroquiais mencionam que o dito hospital apenas servia de pousada a peregrinos.

Relativamente à matriz de Bucelas, e não excluindo a possibilidade de ter existido no mesmo local um templo anterior ao atual edifício, sabe-se que o corpo da igreja estava concluído em 1566, conforme atesta a inscrição sobre o portal lateral do lado do Evangelho. A documentação assegura que em 1569 a capela-mor foi sagrada por D. Jorge de Ataíde, bispo de Viseu (Vilaverde, 2018, pp. 8-19). Outra inscrição numa lápide na sacristia, onde consta a data de 1573, poderá indicar o momento de finalização das obras no templo, todas elas, portanto, realizadas na segunda metade do século XVI. O livro mais antigo que se conhece da paróquia de Bucelas é um registo de batismo de 1564. O corpo da igreja visto do exterior é relativamente sóbrio, mas imponente, destacando-se a cabeceira circular da capela-mor.

Se atentarmos nos registos de óbito, verificamos que ao longo dos séculos muitos fiéis foram sepultados no interior da igreja, alguns deles junto dos altares das respetivas confrarias e irmandades. Muitos outros tiveram diferente destino; de facto, com frequência é mencionado nos documentos o enterramento no adro, ou seja, em “campo santo”, mas que possivelmente também poderia incorporar o adro da capela do Espírito Santo, dada a proximidade dos dois templos.

Se a matriz, como referido e comprovado, já existia na segunda metade do século XVI, e a capela do Espírito Santo lhe seria anterior (século XV ou mesmo época mais antiga), o espaço atual do Largo do Espírito Santo teria sido ocupado durante um certo tempo por dois edifícios religiosos, implantados em níveis diferentes, a capela numa cota inferior, na base da colina, e junto a uma estrada (a atual Rua Marquês de Pombal), e a matriz no topo da elevação, assumindo a já referida posição dominante em consonância com o seu estatuto.

Mas em Bucelas existem outros indícios que apontam para uma ocupação muito anterior, durante o período romano, em que todo este território estava integrado como zona essencialmente rural no *Ager Olisiponensis*, ou seja, na área administrativa da cidade romana de Lisboa, a *Felicitas Iulia Olisipo*. Não só as inscrições funerárias no adro da matriz nos indicam a presença romana nesta zona (Fernandes, 2003, pp. 27-55), como outros achados corroboram esta possibilidade; além de um tesouro monetário (Azevedo, 1897, pp. 249-252) hoje perdido, os indícios a que já atrás aludimos: uma pequena estatueta itifálica em bronze (Estêvão, 2019, pp. 138-143), e o mausoléu romano da Quinta de Romeira de Baixo (Estêvão, 2004, pp. 45-51).

Outro aspeto importante a considerar para melhor compreender o povoamento romano da região de Loures é a existência de várias *villae*, em *Frielas* (Silva, 1998, pp. 43-48) e em *Unhos* (Silva, 2012, p. 92), e o sítio das *Almoínhas* (Oliveira, 2001, pp. 65-94), que poderá ter sido um *vicus* (Brazuna & Coelho, 2012, pp. 103-116); estes locais, todos relacionados com a várzea do rio Trancão e integrados no *Ager Olisiponensis*, podem indiciar quão importante era já aquele curso de água e seus férteis terrenos anexos para o povoamento local da Antiguidade (Mantas, 2018, p.41). Também são relevantes para a zona em causa as conclusões dos estudos sobre a rede viária terrestre (Mantas, 2012, pp. 76-85). Para alguns autores, a

principal ligação por terra entre *Olisipo* e *Scallabis* atravessava Sacavém (Mantas, 1998, p. 20), cruzando o rio Trancão, e seguindo para Alverca. Outros, porém, creem que a estrada principal proveniente de Lisboa partia da atual Praça da Figueira, passava por *Frielas* e *Almoínhas* (Loures), e contornava a várzea em direção a Alverca (Guerra, 2018, pp. 52-63). Esta segunda hipótese é basicamente fundamentada nos marcos miliários identificados, nomeadamente em *Frielas* e nas *Almoínhas*, bem como nos sítios do atual concelho de Loures já mencionados. Esta última conjectura não exclui a possibilidade da existência de uma via secundária que entroncaria na estrada principal – que ligava Lisboa a Santarém – junto a São Julião do Tojal, passando por Bucelas, em direção a Santiago dos Velhos.

### 3. O SÍTIO ARQUEOLÓGICO

O atual Largo do Espírito Santo encontra-se a uma cota mais elevada em relação à Rua Marquês de Pombal, troço da EN 115, conforme já foi mencionado, existindo um muro de suporte no local – com a função de amparar a massa de terras que pende sobre a rua, nesse desnível – além de uma escadaria de acesso. As escavações arqueológicas, tendo incidido na área de construção do novo muro de suporte, que será mais potente que o anterior, foram implantadas na zona poente do largo e em área lateral, a norte da igreja matriz.

Após a remoção das duas primeiras camadas resultantes da transformação daquela zona do largo em pequeno jardim, no séc. XX, surgiram então os níveis mais antigos, compreendendo dois contextos arqueológicos distintos: o da necrópole cristã e o de época romana, tal como se pode observar na Figura 2. Sucintamente, a estratigrafia observada aponta para quatro camadas arqueológicas principais (camadas 3, 4, 10 e 14). A camada 3, sob os níveis contemporâneos, foi caracterizada como aterro, realizado com o fim de colmatar a pendente natural do local, em finais do séc. XVII ou inícios do séc. XVIII, dada a presença de faianças portuguesas de decoração a azul e vinoso (manganês) características dessa época (Casimiro & Sequeira, 2016-17, pp. 266-267). Nesta camada foram integrados dois ossários de média a grande dimensão, além de algumas inumações primárias. A camada 4, revelando uma pendente sul-norte (isto é, descendo de nível da área voltada à matriz para a zona da atual rua), sob a camada 3, compreende o

nível mais antigo da necrópole, nele tendo sido depositadas grande parte das inumações primárias e reduções ósseas, em covas simples ou em sepulturas estruturadas com elementos pétreos. A presença de cerâmica esmaltada a branco no enchimento de uma das sepulturas aponta para os inícios do século XVI (Casimiro & Sequeira, 2016-17, pp. 262-263), pressupondo-se, pelas relações estratigráficas, que o nível mais antigo identificado se reporte ainda ao séc. XV. Ao contexto romano identificado imediatamente sob o nível sepulcral, correspondem a camada 10, onde se regista o abandono das estruturas murais, e a camada 14, correspondente à construção daquelas. Em termos cronológicos, situam-se os dois níveis respetivamente entre os séculos IV-V d.C. e os séculos I-II d.C., registando-se no primeiro ocorrências de *terra sigillata africana* e, no segundo, de cerâmicas de paredes finas.

### 3.1. Necrópole cristã de Bucelas (Séculos XV-XIX)

O espaço da necrópole revelou vários níveis de inumações em deposição primária e secundária (como os dois ossários), distribuídos pela ampla cronologia mencionada (séculos XV a XIX). A sua proximidade com os dois templos atrás referidos pressupõe que este espaço poderia ter estado relacionado com os respetivos “campos santos”, embora não consigamos cartografar a área de cada um deles, e saber se se terão, ou não, sobreposto num determinado momento do tempo. As inumações estavam orientadas no sentido este/oeste, com a cabeça a oeste (Figura 3), o que indicia o cânone cristão no ritual de enterramento.

Foram exumados 157 esqueletos que se encontravam em deposição primária, distribuídos pelas camadas 3 e 4, mas sobretudo abundantes na camada 4. Foram identificados (e levantados) várias reduções ósseas, associadas às inumações primárias, e dois ossários de grande (Ossário 2) e média (Ossário 1) dimensões, abertos na camada 3, em que o número mínimo de indivíduos totaliza 262 e 101, respetivamente. Foram identificados dois tipos de sepulturas principais: cova simples, ovalada; e sepulturas estruturadas. Adentro destas últimas, distinguiu-se a cova simples ovalada e com pedra de cabeceira e/ou pedra aos pés; a sepultura estruturada com esteios laterais; a sepultura estruturada com lajes horizontais sobre cova simples ovalada; e a sepultura estruturada com esteios laterais e lajes horizontais sobrepostas. As diferenças formais registadas entre os tipos

de enterramentos podem sugerir diversos níveis de deposição, correspondendo eventualmente a diferentes fases cronológicas, o que talvez o trabalho pós-escavação venha a esclarecer.

Os indivíduos foram colocados na sepultura em decúbito dorsal com as mãos sobre o peito ou região abdominal e pernas estendidas, estando a cabeça de frente (a olhar para o céu) ou para o lado. Os corpos estavam orientados a oeste-este com a cabeça no extremo oeste. A presença de alfinetes à volta de alguns esqueletos permitiu inferir que esses corpos foram amortalhados. Não foram encontrados vestígios de caixão. No espólio votivo identificaram-se contas de terços, e medalhas, assim com algumas moedas (Figura 4) nas mãos dos indivíduos (reminiscência do óbolo a Caronte?).

A breve análise bioantropológica de campo permitiu concluir, relativamente às 157 inumações primárias, que se trata de indivíduos de ambos os sexos e de todas as classes etárias (desde fetos em finais de gestação a idosos), estatura compreendida entre 142 cm e 178 cm, sendo que as alterações esqueléticas mais comuns são as cáries, as lesões de etiologia infecciosa e os traumatismos. De destacar a presença de pelo menos três indivíduos com a dentição anterior intencionalmente modificada (Figura 5) e que apresentam características que sugerem uma ancestralidade africana.

### 3.2. Estruturas do período romano (Séculos I-II a Séculos IV-V)

A identificação de estruturas murais imediatamente sob o nível cemiterial permitiu (Figura 6), desde logo, conjecturar a possibilidade de as atribuir cronologicamente à época romana. Não só por todos os elementos que relacionavam a localidade de Bucelas com a presença romana, já indicados anteriormente, mas principalmente pelo surgimento indiciante, no contexto da necrópole cristã, de várias moedas em bronze, datadas de diferentes reinados imperiais, como foram, a título de exemplo, as moedas de Antonino Pio (séc. II), a de Adriano (séc. II) (na Figura 10) ou a de Constantino I (séc. IV).

Apesar de a abertura das covas de sepultamento em época medieval/moderna ter afetado o contexto romano, as estruturas murais mantiveram-se em relativo bom estado de conservação. Ainda assim, a construção de um muro, de orientação este-oeste, efetuada possivelmente nos séculos XVI-XVII, muro esse que atualmente se encontra junto ao pas-

seio da rua Marquês de Pombal, trancou parte daquele contexto. Tal muro poderia ter correspondido ao limite norte do espaço sepulcral da capela do Espírito Santo, mas a escavação de emergência realizada, quer por motivos financeiros e temporais, quer logísticos – na verdade, trata-se de uma rua que é também estrada nacional de grande circulação – dificilmente poderia ter sido estendida para essa zona. Foram identificados no nível romano seis muros que formavam três compartimentos sub-quadrangulares, a que se atribuiu as letras A, B e C (Figura 7). Nenhum dos compartimentos foi escavado na totalidade da sua área, devido aos condicionalismos invocados no parágrafo anterior, o que não impediu a percepção, relativamente aos compartimentos A, a este, e B, a oeste, dos respetivos limites; todavia, tal não foi possível no que toca ao compartimento C, a norte, onde a intervenção teve de ser exígua.

Estas estruturas caracterizavam-se pela construção em alvenaria seca, com várias fiadas de pedra calcária local de pequena/média e grande dimensão sobrepostas umas às outras, sem recurso a ligante de tipo argamassa ou *opus*, e em que as pedras da base seriam de maiores dimensões. Não obstante, entre as fiadas de pedras foi colocado um sedimento de coloração castanho-avermelhado, de matriz argilosa, que pode ter servido como ligante, dada a grande compactação que o caracterizava quando seco; de notar, ainda, que os muros não ofereciam qualquer tipo de reboco. Tinham cerca de 0,50 m de largura e, em algumas secções, atingiam, no seu estado atual, cerca de 0,60 m de altura.

As estruturas murais assentavam no substrato geológico de composição arenítica ou em conglomerados areníticos. Como o local apresentava um nível de encosta, com uma pendente sul-norte, os muros com essa orientação foram construídos em “escada” por forma a anular o desnível natural do terreno. Quanto ao muros perpendiculares àqueles, isto é, com orientação este-oeste, o que se encontrava mais bem conservado, dos dois que se preservaram, detinha uma fiada de pedras fincadas na base da fundação, igualmente com a função de anular o efeito da pendente, funcionando como sapata.

No compartimento A, a frequência dos sepultamentos desfigurou muito do que potencialmente poderia ter sido recolhido em termos de informação arqueológica sobre o piso ou a cobertura daquele compartimento. A presença de alguns elementos em tijoleira e cerâmica de construção, além das lajes

pétreas no canto sudeste do compartimento sugeria a existência inicial de um chão em pedra, colmatado, aqui e ali, por tijoleira em cerâmica. À presença de uma estrutura de piso neste compartimento pode associar-se uma função mais nobre, para a distinguir de tarefas eventualmente mais correntes (relacionados com atividades laborais, por exemplo) praticadas nos restantes. Assim, o compartimento A poderia corresponder a zona de alcova ou quarto, existindo uma porta a norte que o ligaria ao compartimento C. Quanto à cobertura, o escasso registo de telhas parece não apontar para uma cobertura de telhado, embora essa escassez possa estar relacionada com alterações provocadas pela intrusão do nível da necrópole que se lhe sobrepunha.

No compartimento B, por seu turno, o surgimento de um derrube de telhas (Figura 8), composto por telhas de meia cana de pasta de cor avermelhada e ou de pasta amarelada, sugeriu uma cobertura em telheiro ou telhado, sendo de referir igualmente, como paralelo, a escavação de um nível de derrube na *villa* de Frielas, associado ao abandono da mesma (Silva, 2020, pp. 76 a 79).

Sob o derrube de telhas, e imediatamente sobre o afloramento rochoso, registou-se um depósito composto por sedimento de matriz argilo-arenosa, de cor castanha e cinzenta, contendo também abundantes nódulos de carvões e cinzas, o qual foi identificado como unidade de abandono ou destruição, talvez relacionada com um nível de incêndio ou de combustão (incêndio do travejamento em madeira que susteria o telheiro ou telhado?). A presença de um buraco de poste central, visível na Figura 8, e escavado no substrato geológico, parece apontar também para essa hipótese de cobertura.

No compartimento B, não foi detetado qualquer piso estruturado, pelo que o chão assentaria diretamente no substrato, o qual, para o efeito, parece ter sido nivelado. Em contrapartida, foi registada a existência de um caneiro, no canto noroeste do compartimento, construído com telhas, em que a parte côncava ficava voltada para baixo, cobrindo uma vala de pequena potência escavada no substrato (Figura 8). A escavação do interior do caneiro, infelizmente, não revelou qualquer espólio.

Ainda neste compartimento, foram registadas duas valas escavadas no substrato, de sentido sul-norte, sendo que uma surge do canto oeste e outra do canto este do compartimento, desembocando esta última na primeira. Funcionariam, muito provavelmente,

como caleiras de água, uma vez que aproveitam a pendente natural do terreno, captando essa água de um ponto mais alto para um situado a cota inferior, a norte do compartimento B.

Ainda é de referir que, já fora da área deste conjunto de estruturas murais atribuídas à época romana, foi escavada uma estrutura negativa, de orientação este-oeste (Figura 9), sob o contexto de necrópole, que poderia ter funcionado também como caleira, mas neste caso talvez relacionada com um momento de atividade agrícola, contemporâneo ou posterior ao contexto romano; na verdade, foram detetadas fossas de pequena potência, subcirculares, correspondendo possivelmente ao negativo de plantações. Relativamente ao espólio e dada a intrusão no contexto romano dos níveis sepulcrais cristãos, muita da cerâmica romana exumada não pôde ser associada à estratigrafia diretamente relacionada com as estruturas (o mesmo se verificou com outros achados interessantes como uma fíbula, asa de lucerna e algumas moedas). A maior parte do espólio cerâmico que, assim, pôde ser associado à estratigrafia romana foram as cerâmicas comuns de pasta castanha ou de pasta alaranjada, medianamente grosseiras, com alguns elementos não plásticos, com grande predominância de quartzitos, onde se conseguiu identificar o predomínio de duas formas: painéis e *dollia*.

Foi exumado também um conjunto de pesos de tear, maioritariamente de formato sub-retangular e contendo um único orifício de suspensão, bem como cerâmica de paredes finas de pasta alaranjada, das quais se identificou um jarro de maiores dimensões e um outro de menor tamanho, podendo tratar-se de produções locais (Figura 10).

Será interessante, aquando de uma futura análise aprofundada do espólio romano, estabelecer uma relação também com artefactos encontrados fora de contexto, nomeadamente nos níveis sepulcrais cristãos. Preliminarmente, para a cronologia da construção daquelas estruturas romanas, aponta-se, pela análise geral do espólio encontrado junto às fundações dos muros, para os séculos I a II d.C. Porém, a observação e datação de numismas romanos encontrados em níveis posteriores pode futuramente dar mais algumas pistas sobre a fase romana do local ou de áreas adjacentes, de onde eles podem eventualmente ter provindo.

Tendo-se exumado fragmentos de cerâmica de tipo *terra sigillata* clara africana nos níveis de abandono ou pós abandono e nos depósitos associados ao ní-

vel da necrópole cristã, além de uma moeda de Constantino I, propõe-se os séculos IV a V como baliza temporal para o abandono daquelas estruturas.

Para uma interpretação mais desenvolvida deste contexto romano, teria obviamente sido interessante estender a escavação tanto para norte como para sul das estruturas. Certamente, estamos perante um contexto rural, relacionado talvez com a atividade agrícola. Como já referido, parte das estruturas identificadas, nomeadamente o compartimento A, pode ter funcionado como habitação, enquadrado em atividades domésticas e/ou ofícios relacionados com a tecelagem, dada a presença de um conjunto de pesos de tear. No compartimento B, as valas de drenagem de água aí detetadas poderiam estar relacionadas com a presença de um moinho, interpretação sugerida para o contexto romano do sítio da Raposa, com características muito semelhantes ao de Bucelas (Robalo *et al.*, 2011-12, pp. 34, 35).

O aprofundamento do estudo dos vários dados recolhidos na escavação permitirá, no futuro, compreender melhor o que pode ter sido a presença romana em Bucelas. Situada numa encruzilhada de estradas e caminhos, a localidade seria apropriada para a instalação de um aglomerado populacional romano (um *vicus*?), de vocação agrícola, o que faz sentido se tivermos em conta toda a informação já disponível sobre o concelho de Loures, integrado num mais amplo panorama daquela época relativo à área metropolitana da cidade romana de Lisboa. É nesse âmbito maior que os novos achados de Bucelas inserem a localidade, dando-lhe um estatuto mais significativo do que até agora detinha, e convidando à prossecução das investigações sobre o que foi a época clássica na região metropolitana como um todo.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaríamos de salientar a contingência dos resultados já obtidos aqui descritos na generalidade, uma vez que a intervenção arqueológica de emergência ficou condicionada à área de afetação da obra. Para melhor compreender quer a necrópole, quer as estruturas romanas, seria necessário alargar a zona de trabalhos arqueológicos. Todavia, os vários meses de trabalho contribuíram para um conhecimento mais profundo sobre as diferentes ocupações do atual Largo Espírito Santo, como também, como sempre acontece quando se pesquisa, para a formulação de novas questões.

Sabemos que durante o século XV e os inícios do século XIX tanto a igreja matriz como a capela do Espírito Santo ocupavam a área do atual largo, e que a área arqueologicamente intervencionada correspondeu a um dos seus limites. Podemos até pressupor que a constituição, nos séculos XVII a XVIII, de dois ossários de média e grande dimensão, procedendo da remodelação de algum espaço ocupado com sepultamentos, se tenha implantado, porventura, no limite do “campo santo” da igreja matriz, sobrepondo-se ao “campo santo” da capela do Espírito Santo. No entanto, é difícil saber, com os nossos dados parcelares, quais os limites das áreas sepulcrais de ambos os templos, e se elas, efetivamente, em determinado momento, se terão parcial ou totalmente sobreposto.

A escavação de parte da necrópole do Largo do Espírito Santo possibilitou reunir uma vasta e interessante coleção osteológica, não só por ser extensa, mas também por significar uma amostragem populacional de ampla diacronia. Sendo o enterramento nos adros destinado aos indivíduos de menor estatuto social e económico, os estudos sobre esta coleção proporcionarão um “olhar” sobre aqueles que muitas vezes estão ausentes dos documentos escritos. O cruzamento de dados de várias proveniências enriquecerá as interpretações sobre o modo de vida das pessoas que viveram na região. Merece destaque a presença, no registo arqueológico, de pelo menos três indivíduos com a dentição anterior intencionalmente modificada, prática cultural que sugere uma ascendência africana. Na época, uma das formas de integração de uma população heterogénea passava pela incorporação em confrarias e irmandades, o que também lhes assegurava alguma proteção social, e a garantia de enterramento em solo sagrado. A confirmação de estruturas romanas no centro da vila de Bucelas veio confirmar a sua antiguidade. A análise preliminar do espólio encontrando associado às fundações das aludidas estruturas permite apontar para uma cronologia entre os séculos I a II d.C. Recorde-se que os dois monumentos epigráficos funerários existentes no Largo Espírito Santo foram datados do mesmo período: o cipo incorporado no muro do adro da igreja matriz junto à cabeceira está datado de finais do século I d. C. ou mesmo dos inícios do século II d.C.; a outra inscrição adossada a um muro junto a uma escadaria próxima da entrada do templo foi, por sua vez, datada do século I d. C. A terminar, gostaríamos de acentuar que esta longa

intervenção arqueológica veio dar nova vida a um setor da atividade cultural no concelho que já conta com longa tradição, esperando-se que outras circunstâncias, sejam quais forem as suas motivações (emergência, acompanhamento de obra, ou investigação), prossigam o nosso trabalho realizado, não deixando enfraquecer aquela que é uma das mais importantes contribuições para a qualificação de um território, seus habitantes e seus visitantes. Entretanto, os estudos de gabinete e de laboratório em curso sobre os dados de Bucelas aqui apresentados virão ainda, certamente, trazer-nos maior número de elementos valorativos do nosso trabalho, que prossegue.

## BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Pedro A. (1897) – Achados de moedas romanas e portuguesas no Tojal e Bucelas no século XVIII. *O Archeologo Português*. Lisboa. Série 1, III, pp. 249-252.

BRAZUNA, Sandra; COELHO, Manuela (2012) – A Villa das Almoínhas (Loures): trabalhos arqueológicos de diagnóstico e minimização. *Cira-Arqueologia*, 1. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 103-116.

CASIMIRO, Tânia Manuel; SEQUEIRA, João (2016-17) – Faiança Portuguesa dos Séculos XVI-XVIII recuperada no Tejo. *Cira-Arqueologia*, 5. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 260-274.

ESTÊVÃO, Florbela (2004) – Notícia sobre a Estrutura Arquitetónica da Quinta da Romeira de Baixo (Bucelas): mausoléu familiar associado ao ritual de incineração. In *Arqueologia como Documento*. Loures: Câmara Municipal de Loures, pp. 45-51.

ESTÊVÃO, Florbela (2019) – Estatueta Itifálica de Bucelas: pequeno bronze figurativo do *Ager Olisiponensis*. In CAES-SA, Ana; CAMPOS, Ricardo, coord. – *Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo. Os monumentos epigráficos*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas S.A., pp. 138-143.

FERNANDES, Luís da Silva (2003) – Inscrições Romanas do Termo de Loures. *MÁTHESIS*, 12. Braga: Universidade Católica Portuguesa, Departamento de Letras, pp. 27-55.

FERNANDES, Carla Varela (2018) – Património deslocado: o antigo retábulo da capela do Espírito Santo de Bucelas. In FERNANDES, Carla Varela, coord. – *Igreja Matriz de Bucelas*. Lisboa: *Imprimatur, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja*, pp. 37-65.

GUERRA, Amílcar (2018) – O Contributo da Epigrafia de Olisipo e do seu Território para o Estudo da Mobilidade do Período Romano. In *Meios Vias e Trajetos. Entrar e Sair de Lisboa*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa e Sociedade de Geografia de Lisboa, pp. 52-63.



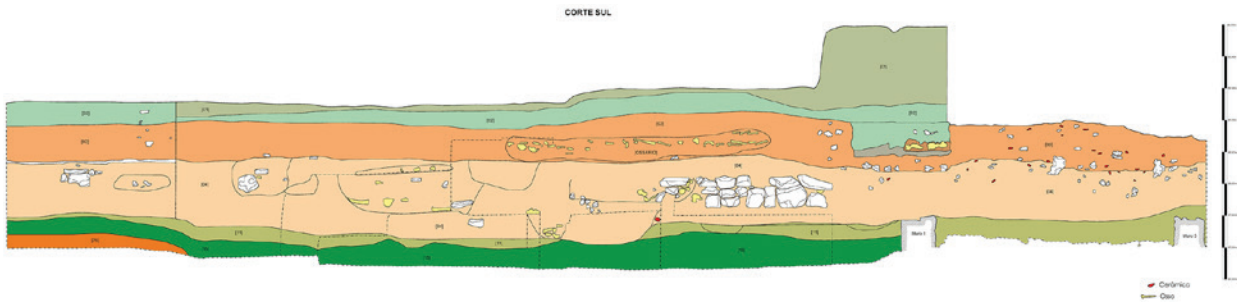


Figura 2 – Sítio arqueológico da Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures), corte sul. Desenho de Vasco Vieira.

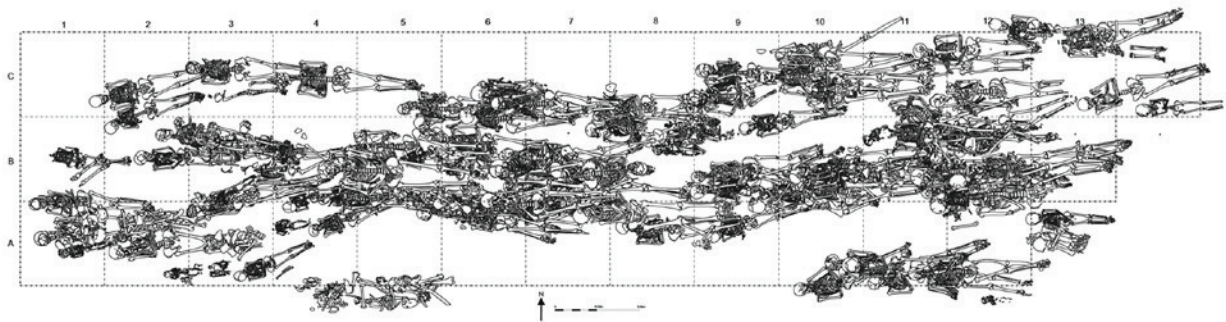


Figura 3 – Planta geral das inumações primárias distribuídas pelas quadrículas. Desenho de Vasco Vieira.



Figura 4 – À esquerda: moeda na mão de um indivíduo (Esqueleto 143). À direita: pendente ou relicário (Esqueleto 64).



Figura 5 – Jovem adulta com dentição anterior modificada (Esqueleto 47).



Figura 6 – Relação estratigráfica: contexto cemiterial cristão sobre estruturas murais do período romano.



Figura 7 – Foto do plano final dos compartimentos A e B.

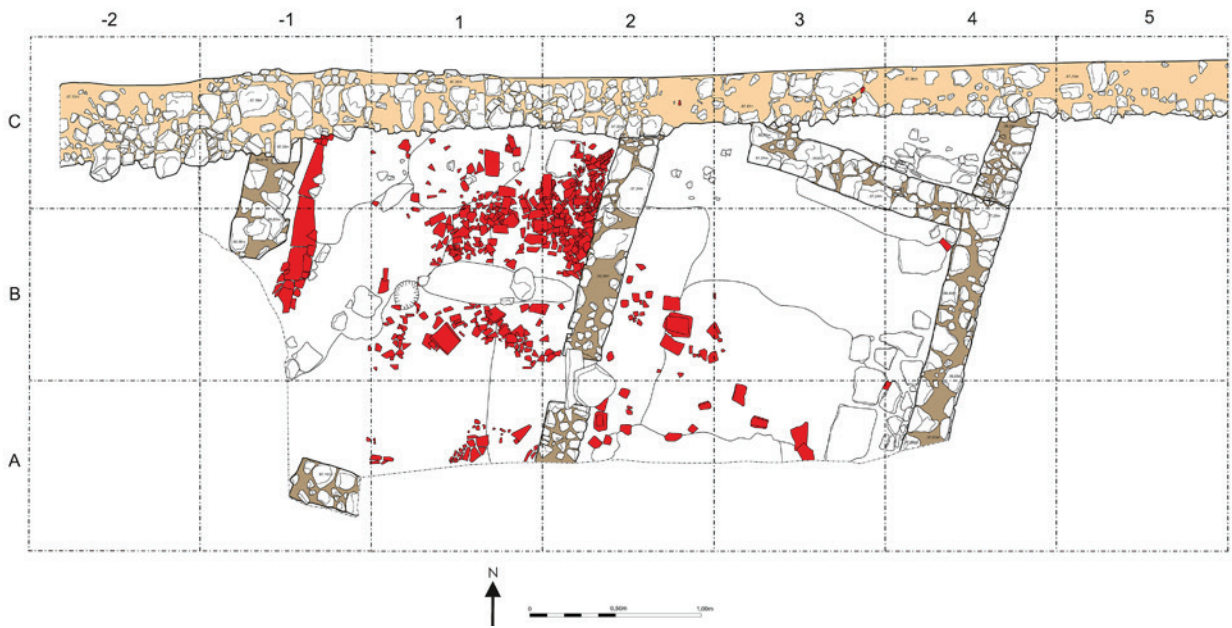


Figura 8 – Plano geral das estruturas romanas e do derrube de telhas no interior do compartimento B. Desenho de Vasco Vieira.



Figura 9 – Estrutura negativa associada a contexto agrícola.



Figura 10 – À esquerda: fragmento de peso de tear e fragmentos de jarro. À direita: em cima, pequeno jarro em paredes finas; em baixo, moeda do Imperador Adriano (séc. II).





**AAP**  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

**MAC**  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

**CITCEM**  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

**U** PORTO  
FLUP FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

**musaji**  
municipal do porto

